

COOPERATIVISMO E TURISMO: A POBREZA COMO EIXO DISCURSIVO DA AGENDA NEOLIBERAL*

Maximiliano Korstanje**

Resumo: A teoria do desenvolvimento sem dúvida abriu uma brecha entre os intelectuais, o que se baseia em seus efeitos. Parte da biblioteca ou literatura especializada chama atenção para a dependência de estados pobres em relação às agências internacionais de financiamento tais como o FMI ou o Banco Mundial, enquanto outros destacam os benefícios de desenvolvimento que, associado ao turismo, tirou certas economias emergentes da estagnação econômica. Este artigo explora teoricamente parte das limitações e vantagens da teoria do desenvolvimento aplicada ao turismo e a hospitalidade; e o faz através de uma de suas formas mais concretas, o cooperativismo. Ele resgata o papel da ética como princípio que vai além da lógica instrumental do mercado, fortalecendo a resiliência comunitária a longo prazo. Paradoxalmente, como enfatizaram Comaroff e Comaroff, o cooperativismo ameaça (sob certas circunstâncias) a governabilidade dos Estados-nação, criando o clima para conflitos sociais e políticos. Nos últimos anos, alguns especialistas têm chamado a atenção para as limitações da comoditização da pobreza, eixo central para o cooperativismo.

Palavras-chave: Pobreza; Desenvolvimento; Dependência; Cooperativismo; Turismo Sustentável.

COOPERATIVISM AND TOURISM: POVERTY AS A DISCURSIVE AXIS OF THE NEOLIBERAL AGENDA

Abstract: The theory of development, doubtless, has opened a great gap amongst thinkers and scholars, which judges actions by their effects. While some scholars call the attention on the financial dependency of peripheral states respecting IMF or World Bank, others emphasize on the economic benefits of development. This essay-review explores conceptually the limitations and strengths of the theory of development, which was historically applied to tourism and hospitality. In so doing, we adopt the paradigm of cooperativism as a tug of war. This theory reminds the importance of ethics over the instrumental logic of the market enhancing the resiliency of the community in the long-run. Paradoxically, as Comaroff and Comaroff put it, the cooperativism –under some conditions – threatens the governability as well as the functionality of nation-states paving the ways for the rise of conflict and rivalry. Over the recent year, some specialists have alerted on the problems of commoditization of poverty as well as the ethical dilemmas behind the cooperativism.

Key words: Poverty; Development; Dependency; Cooperativism; Sustainable Tourism.

COOPERATIVISMO Y TURISMO: LA POBREZA COMO EJE DISCURSIVO DEL PROGRAMA NEOLIBERAL

Resumen: La teoría del desarrollo, sin lugar a dudas, ha abierto una grieta entre los intelectuales, la cual se basa en sus efectos. Una parte de la biblioteca o la literatura especializada llama la atención sobre la dependencia de los estados pobres respecto a los organismos de financiación internacional como ser el FMI o Banco mundial, mientras otros destacan las bondades del desarrollo el cual asociado al turismo han sacado a ciertas economías emergentes del estancamiento económico. El presente trabajo explora teóricamente parte de las limitaciones y ventajas de la teoría del desarrollo aplicado al turismo y la hospitalidad; y lo hace por medio de una de sus formas más concretas el cooperativismo. El mismo rescata el rol de la ética como principio que supera la lógica instrumental del mercado fortaleciendo la resiliencia de la comunidad a largo plazo. Paradjicamente, como han enfatizado Comaroff y Comaroff, el cooperativismo amenaza (bajo ciertas circunstancias) la gobernabilidad de los estados nacionales creando el clima para el conflicto social y político. En los últimos años algunos especialistas han llamado la atención en las limitaciones de la comoditización de la pobreza, eje central del cooperativismo.

Palabras clave: Pobreza; Desarrollo; Dependencia; Cooperativismo; Turismo Sustentable.



Licenciada por *Creative Commons*
Atribuição Não Comercial / Sem
Derivações / 4.0 / Internacional

* Texto traduzido do original, com a permissão do autor, por Saulo Luquini Schetini e Thiago Duarte Pimentel. Revisão técnica: Fabíola Cristina Costa de Cavalho e Thiago Duarte Pimentel.

** Ph D. in Sociology, University of Palermo, Buenos Aires, - Argentina, Department of Economics, University of Palermo, Argentina. Leading global cultural theorist specializing in terrorism, mobilities and tourism. Dr Korstanje serves as Senior Researcher at the University of Palermo, Buenos Aires, Argentina and Editor in Chief of the International Journal of Safety and Security in Tourism and Hospitality. In 2015 he was Visiting Professor at the Centre for Ethnicity and Racism Studies (CERS) at the University of Leeds, United Kingdom; TIDES at the University of Las Palmas de Gran Canaria, Spain in 2017, and the University of La Habana, Cuba in 2018. In 2016, he was included as Scientific Editor for Studies and Perspective in Tourism (CIET) and as an Honorary Member of the Scientific Council of Research and Investigation hosted by UDET (University of Tourist Specialities, Quito Ecuador). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5149-1669>. [mkorst@palermo.edu]

1. INTRODUÇÃO

A teoria do desenvolvimento levou as ciências sociais e humanísticas a um pântano conceitual diante dos desafios colocados pela mudança climática (Chaturvedi & Doyle, 2015). Para algumas vozes, as premissas elementares de teoria sustentam uma dependência entre o norte global com o objetivo de regular o fluxo de capital e um sul dependente de tal capital (Esteve, 2006; Korstanje, 2018; Dos Santos, 2018).

Para os círculos marxistas, a crise é um produto da incompatibilidade da ideologia capitalista e da sociedade de consumo com o inevitável esgotamento dos recursos naturais (Sachs, 2015; Korstanje, 2015; McMichael, 2017). Para outros estudiosos, o desenvolvimento controlado e regulamentado permite que certos grupos, que têm sido historicamente negligenciados para alcançar benefícios econômicos através de diferentes indústrias de serviços, tais como turismo, patrimônio e comércio aberto, tenham acesso a um estágio de estabilidade e prosperidade (Mowforth & Munt, 2015; Sharpley, 2018; Wood, 2018).

Longe de chegar a um consenso, a discussão, que permanece em aberto desde o relatório Brundtland e, que na atualidade continua a questionar o bem-estar das nações, corresponde a crença de que o desenvolvimento econômico é funcional para a sustentabilidade do ambiente. O paradigma admite que quanto maior for o crescimento econômico, maior ou proporcionalmente direta é a contaminação resultante.

Os diversos enfoques do turismo têm se concentrado originalmente na gestão racional de recursos, a fim de mitigar os efeitos indesejados não apenas sobre o território, mas sobre os recursos naturais (De Kadt, 1991; Place, Hall & Lew, 1998; Ritchie & Crouch, 2003).

Hoje, o aquecimento global e a crise climática aceleraram os tempos, levando os pesquisadores a novos paradigmas conceituais que permitam combinar a maximização das experiências em um mundo altamente tecnológico e globalizado com uma economia sustentável a longo prazo (Sharpley & Telfer, 2014; Bramwell, 2015; Lane, 2018).

Neste ensaio, perguntamos sobre o futuro do desenvolvimento sustentável, as limitações demonstradas pelas aplicações no turismo e a ideia de criatividade e cooperativismo como eixos discursivos

da agenda neoliberal. A primeira seção explora estudos teóricos destinados a definir o que é desenvolvimento. Desenvolvimento como foi formulado em meados do século XX não pode ser contemplado sem um planejamento hierárquico. Nesse sentido, surge uma acalorada discussão entre a escola para o desenvolvimento e seus críticos.

A segunda seção discute as diferentes abordagens no turismo, com respeito à ideia de dependência entre um centro emissor de créditos e a periferia colonial. Enquanto o desenvolvimento sustentável nasce como um paradigma para tratar de clássicas questões de desenvolvimento inacabadas, as evidências sugerem que muitas economias locais têm estado em uma situação de fragilidade, apesar dos milhões de dólares destinados a empréstimos do Fundo Monetário Internacional ou do Banco Mundial. Os exegetas da teoria do desenvolvimento apelarão para “a ideia de incompatibilidade cultural” para explicar as falhas dos programas de desenvolvimento em suas aplicações na África e na América Latina.

Finalmente, a terceira seção trata do tema do cooperativismo e sua inserção no turismo rural. Com foco em estudos de caso que foram desenvolvidos na América Latina, desenvolvemos uma perspectiva crítica que nos permite enumerar alguns dos desafios que tem o cooperativismo nos anos vindouros.

A fim de orientar o leitor e colocar o argumento em contexto, é importante mencionar que o desenvolvimento não é uma ideia nova. As diferentes estruturas imperiais, os romanos em seu tempo, depois os espanhóis, portugueses e finalmente os britânicos e franceses fizeram ênfase na importância civilizatória do comércio.

A concepção constituinte do Estado-nação moderno se concentra no direito universal do homo viatore, que se cristaliza na possibilidade de construir uma civilização através de viagens e contatos comerciais com outras culturas. Essas culturas, incapazes de comercializar ou oferecer hospitalidade aos viajantes europeus eram consideradas inferiores e domesticadas através da violência política.

Exércitos espalhados para extrair os materiais preciosos para as ambições imperiais, as colônias receberam produtos elaborados ou estilos luxuosos de consumo, como eventos esportivos e de lazer (Pagden, 1995). O poder dissuasivo consistia em expandir a crença de que o processo civilizatório foi uma continuidade gradual onde a interação e o comércio

entre os nativos e seus novos mestres – mesmo que em condições desiguais – garantia um clima estável de prosperidade econômica. Enquanto o desenvolvimento continua na mesma lógica reprodutiva, a atual crise ecológica coloca a racionalidade Ocidental em xeque.

2 O QUE É DESENVOLVIMENTO?

Um dos estudiosos que originalmente abordou a relação entre turismo e desenvolvimento tem sido Emanuel de Kadt. Em 1991, a editora Endymion publica seu famoso trabalho em turismo Passaporte ou desenvolvimento? De Kadt diz que, apesar da popularidade da teoria do desenvolvimento, que tinha introduzido após o discurso de Truman em 1947, há casos que não confirmam a regra.

De Kadt argumenta que, sob certas circunstâncias, nem o desenvolvimento nem o turismo conseguem fortalecer as economias locais ao gerar várias patologias nos campos econômico e social. Sua posição, de modo geral, é que a cultura e seus valores fundadores desempenham um papel significativo no sucesso de desenvolvimento. Aquelas nações que tiveram um passado de subordinação e/ou escravidão são menos propensas a alcançar a independência econômica em relação às metrópoles europeias. Pelo contrário, aquelas economias que não tiveram um passado de opressão e exploração têm maiores possibilidades de tornar seu sistema de produção mais dinâmico, adotando o turismo como principal fonte de estabilidade (De Kadt 1991).

Em termos gerais, a ideia de desenvolvimento foi introduzida por Harry Truman no auge da guerra fria. Em um discurso proferido em janeiro de 1949. Nele o presidente americano menciona que o mundo está dividido em países desenvolvidos e países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. É o dever de os países chamados desenvolvidos fornecer as condições necessárias (técnicas e econômicas) para que uma maior quantidade de economias não ocidentais alcance os benefícios do desenvolvimento.

Para esse fim, agências de crédito internacionais, tais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial desempenhariam um papel importante no fornecimento de condições de acesso ao crédito. Durante anos, a emissão descontrolada de crédito a países que tenham tido guerras ou crises civis gerou uma situação ainda pior do que a herdada.

Como sugerem alguns críticos, a teoria do

desenvolvimento não só falhou em sua premissa principal a que assume que o arquétipo cultural capitalista europeu pode ser replicado em outras culturas, mas também criou uma grande dependência por parte das economias emergentes em relação às economias centrais. Para esses acadêmicos, a maioria formada em uma tradição marxista, o desenvolvimento funcionaria como um mecanismo ideológico e discursivo de controle e exploração através do qual os países centrais asseguram os materiais básicos para manter suas matrizes produtivas enquanto os países periféricos simplesmente se limitam a pagar a dívida a uma taxa de juros cada vez mais alta (Escobar, 1998; Rist, 2002; Esteve & Prakash, 1998).

Os defensores do desenvolvimento, muitos deles da antropologia e etnologia (Escola para o Desenvolvimento), argumentam, ao contrário, que os fracassos na implementação dos programas não são o resultado de pré-planejamento, mas de certas assimetrias ou patologias culturais próprias de uma nação como a violência, lutas internas e corrupção. Novamente, a cultura mostrada como uma desculpa legitimadora de uma série de políticas destinadas a melhorar a vida das nações de terceiro mundo geraram um efeito inverso (Korstanje, 2018).

O analista Philip McMichael (2017) adverte que não pode compreender a teoria do desenvolvimento sem seu processo anterior, o período colonial europeu. De acordo com sua perspectiva, o período de desconstrução que acelerou o fim da segunda guerra, colocou as nações coloniais em uma posição difícil. Por um lado, os impérios que lhes impuseram um senso de ordem e de lei estavam se retirando. Por outro lado, após longos anos de exploração suas economias foram devastadas. As potências europeias que proclamavam discursivamente a democracia na política interna tinha sido altamente abusiva para suas colônias em outros continentes.

A ideia de democracia e auto-representação começam a tomar força nos movimentos independentistas que lutam para romper com a metrópole Ocidental. A fim de não alterar essa linha de dominação, adverte McMichael, é apresentado um novo corpus conceitual que substitui a lei colonial. Neste contexto, a teoria do desenvolvimento é entendida como um processo que levaria as nações não ocidentais a adquirir os ideais de instituições democráticas, e através delas a prosperidade.

Em seu livro, *Geographies of Development in the*

21st Century, Sylvia Chant & Cathy McLwaine (2009) advertem que longe de fazer do mundo um lugar melhor o desenvolvimento não tem sido capaz de resolver o problema da pobreza em grande parte do mundo.

Durante a década de 1940, surgiram várias teorias que se concentravam no planejamento racional e modernização. Depois de 1960, uma contracorrente conhecida como a escola da dependência enfatizou as limitações conceituais de conceber a organizações não ocidentais a luz do patrimônio cultural da Europa. O fracasso não foi condicional a uma falta de racionalidade, mas ao excesso de uma lógica puramente europeia em um contexto humano para o qual ela não era familiarizada.

O neoliberalismo e a paixão pelo mercado livre fizeram sua aparência nos anos noventa, mas não é menos certo que seus erros na previsão de crises econômicas em países como o México, Brasil ou Argentina, lançou as bases para o surgimento do pós-desenvolvimento, ou seja, a crença em pensar na política internacional fora do desenvolvimento.

O pós-desenvolvimento sugere ou é concebido como uma teoria que procura organizar as economias, rejeitando os argumentos da racionalidade e modernização. O crescimento deve dar-se em forma endógena de baixo para cima, e não ser condicionado por agências de crédito.

Essa tendência crítica lançou as bases para a formação de um novo termo, que também tem sido ecoado por especialistas em turismo, é o desenvolvimento sustentável.

O relatório Brundtland tenta dar uma ideia do termo, mas depois cada corrente acadêmica assume seu próprio significado. De acordo com o relatório Brundtland, o espírito de desenvolvimento deve ser enquadrado na ideia de planejar suas ações considerando os recursos para a próxima geração (Atkinson, Dietz & Neumayer, 2009).

Esta forma de sustentabilidade está além da ética pois – como argumenta Bryan Norton (2007) – o crescimento não é uma questão de economia, mas está subordinado a uma tentativa antropocêntrica onde prevalece o interesse racional sobre qualquer outro valor. Em outras palavras, o desenvolvimento sustentável é um discurso ideológico que visa legitimar o “bem-estar humano” e tem como objetivo descobrir como este bem-estar pode ser articulado para que ele possa ser indefinido no tempo.

Como resultado, a questão adaptativa é transformada no elemento mais importante do planejamento. O contraste entre as oportunidades pode ser um grande risco, uma vez que as decisões de uma geração podem não ser compartilhadas pela geração seguinte. Como será visto na continuação, essa dicotomia está longe de ser resolvida pelos especialistas do turismo.

3. TURISMO E DESENVOLVIMENTO: ENTRE O PLANEJAMENTO E A DEPENDÊNCIA

A grande questão que o desenvolvimento sustentável tenta responder é a erradicação da pobreza como um dos males que afligem a humanidade. Como bem argumenta K. Donohue, a teoria econômica pode ser dividida em dois grandes lados. Aqueles que lutam por uma sociedade de produtores, e aqueles que o fazem por uma de consumidores. A teoria econômica, até o final dos anos setenta, tinha como objetivo destacar que a produção era a pedra angular da sociedade capitalista.

O consumo não foi visto apenas como um fenômeno perturbador para a ordem econômica, mas como potencialmente prejudicial para a economia em geral. Não seria até o início dos anos oitenta que certos círculos intelectuais esquerdistas, preocupados com a presença da pobreza, estabeleceu a necessidade de pensar sobre a economia do consumo. Os ideais da sociedade democrática, eles admitiram, estavam em oposição ao materialismo e ao coletivismo soviético. O consumo foi concebido como a garantia constitucional do desenvolvimento individual.

Nesse contexto, a sociedade produtora, que até lá na época era hierárquica, agora é uma sociedade de consumidores e com ela, a globalização é apresentada como um processo hegemônico. O neoliberalismo se concentra na ideia de que o mercado livre não apenas regula a economia, mas controla a anarquia que prevalece nos sistemas internacionais. O paradoxo, ressalta Donohue, é que longe de encolher fosso entre países ricos e pobres, na sociedade de consumo a pobreza triplicou em quantidade (Donohue, 2003).

Na América Latina, particularmente, o paradigma materialista ou econômico do turismo tem penetrado no coração dos diferentes governos em diferentes contextos e temporalidades. O turismo é, acima de tudo, um instrumento eficaz que não só multiplica o emprego, mas também gera sustentabilidade política (Carbonell, 2008; Orjuela, 2013; Mazón & Moraleda, 2013; Medeiros, 2015; Osorio Garcia, Amorin &

Korstanje, 2018). Sob certas condições, adverte Bianca F. Medeiros (2015), a pobreza é comodificada para ser oferecida como um produto cultural aos turistas de primeiro mundo, questionando a ética de tais práticas. Paradoxalmente, enquanto a pobreza se transforma em um produto, suas raízes estruturais se replicam até o ponto em que o sofrimento do outro não se torna apenas uma forma de emancipação que leva a independência econômica, mas como a condição necessária para não poder sair da pobreza (Medeiros, 2015).

Sem dúvida, o turismo em ranchos ou vilas de miséria abre as portas para um interessante debate que questiona a natureza do turismo pós-moderno ou pós-turismo. Os estados de atraso e a extrema pobreza produzida pelo colonialismo europeu são longe de ser corrigido. Neste contexto, a adoção do turismo como um gerador de riqueza não permite quebrar o vínculo de dependência com a velha metrópole imperial (Cohen, 2005; Crouch, Jackson & Thompson, 2005; Bourdeau, 2009; Korstanje, 2016; 2018; Tzanelli, 2006; 2016).

Em seu livro, *Ethnicity Inc*, Jean e John Comaroff advertem sobre o risco do turismo cultural no terceiro mundo. Como sugerem os etnólogos, certas minorias que têm sido sistematicamente negligenciadas pelos Estados-nação podem ter uma melhor qualidade de vida, mas não é menos verdade que raramente podem fazer isso de graça. Os estados nacionais africanos são formados por etnias antagônicas.

Quando um grupo étnico adquire uma certa independência do Estado ou administração central, isso gera um aumento significativo em impostos, um fato que leva à guerra civil ou à limpeza étnica (Comaroff & Comaroff, 2009). O turismo, neste ponto, desempenha um papel ambíguo que muitas vezes leva à instabilidade política e a um clima de desconfiança entre diferentes partes do estado.

A literatura especializada sugere que, na América Latina, as grandes concentrações de capital e instituições extrativistas são a causa principal da pobreza. Neste contexto, o turismo reafirma as assimetrias materiais e salas de aula (Carbonell, 2008; Acemoglu & Robinson, 2012; Hiernaux, 2018).

A ideia de patrimonializar a cultura ou alguns de seus elementos constitutivos para potencializar a economia local tem sido o baluarte discursivo nas últimas décadas (Vázquez Soriano, 2008). O desafio está sobre o fato de que os valores culturais que

normalmente são selecionados em um processo de patrimonialização beneficia certos grupos enquanto prejudica outros que são tornados invisíveis ou silenciados (Skoll & Korstanje, 2014).

Dito isso, deve ser mencionado que o turismo é apresentado como uma oportunidade para certas áreas empobrecidas ou aquelas que têm sido atrasadas em relação à lógica industrial urbana. Vilas de pesca, reservas Aborígenes e comunidades locais se beneficiam através da articulação de planos específicos para o turismo local, patrimonial ou rural (Schweitzer, 2008; Juárez Sánchez & Ramírez Valverde, 2008; Schlüter, 2015; Dachary, Rodriguez & Hermoso, 2017).

Em seu livro, *Etnografía bajo un espacio turístico*, o antropólogo espanhol Miguel Nogues Pedregal (2015) descreve as transformações econômicas, mas também sociais, que uma comunidade sofre quando se trata de adotar o turismo como a principal fonte de renda. O estudo sugere duas conclusões significativas. Por um lado, a demanda turística não modifica apenas a territorialidade da comunidade, mas substancialmente suas instituições.

Às famílias estabelecidas, que são referidas como “o de sempre”, são acrescentadas novas famílias, que são subordinadas ao monopólio do capital que os antigos habitantes fazem da atividade turística. Esta dinâmica desloca a produção clássica da comunidade criando novos ricos, mas também novos excluídos. Enquanto o turismo promove o investimento externo, o olhar do turista é imposto e é internalizado através das famílias clássicas, e assume-se que o nativo é inferior àquele outro turista.

Por outro lado, a necessidade de novas mercadorias para recriar o estilo de vida dos turistas traz consigo a ideia de uma nova dependência financeira que confirma em parte o antigo vínculo entre o centro e a periferia na época colonial. Dentro deste difícil contexto, há espaço para algumas questões: o cooperativismo é parte do problema ou parte da solução? Quais são as limitações e os desafios do cooperativismo no turismo? Qual o papel da ética nesse processo?

O antropólogo estadunidense Dean MacCannell (1976; 1992; 2011; 2012) escreve que o turismo como um fenômeno moderno, longe de gerar vínculos genuínos, constrói espaços fictícios de consumo. Como o totem em sociedade primitiva, o turismo na cultura moderna afasta o homem revitalizando suas frustrações diárias. O turismo como indústria de

consumo prioriza fenômenos ligados à identidade e à experiência. Estas construções são em essência ideológicas. Quanto maior o interesse pela novidade, mais desumanizada torna-se a experiência, acrescenta MacCannell.

Como resultado, comunidades cujo sentido de pertencimento estava ligado à tradição são subvertidos, commodificados ao gosto do turismo internacional, esvaziando de significados não apenas sua cultura, mas também seu espaço antropológico. O capitalismo promove um tipo de canibalismo cultural que destrói comunidades locais, acelerando o que ele chama de “o fim dos primitivos”. Em tal conjuntura, somente a ética como contra-força pode equilibrar os efeitos negativos do turismo moderno. A voz do outro não é apenas importante, é a base de todo o sucesso.

MacCannell sugere que, a menos que o aldeão local se veja ativamente envolvido nos processos decisórios da comunidade, a cultura do simulacro ameaça se impor como a única construção possível. Em outras palavras, o turismo, em sua lógica, carece de toda a ética distanciando a interação do hóspede em respeito ao anfitrião. A dinâmica do capital, que se replica de forma acelerada, associada ao fato de que prevalece o interesse racional no processo de planejamento, MacCannell mantém uma visão pessimista, mas pragmática, do turismo sustentável. Se o interesse primordial é a reprodução do capital, o meio ambiente é visto como mais um recurso a ser manipulado e explorado, conclui McCannell (2012).

Por último, mas não menos importante, Jost Krippendorf, uma das mentes mais lúcidas da disciplina, definiu o turismo como a plataforma simbólica e cultural da sociedade. Através do turismo, os cidadãos renovam sua confiança no Estado nacional e em suas instituições. No entanto, o turismo não é bom nem ruim, mas uma ferramenta (um ritual sacralizado) que exemplifica os valores de uma sociedade. Em vista da crise ecológica, Krippendorf reconheceu que o turismo estava longe de resolver problemas ambientais se os valores da sociedade capitalista não forem invertidos. Como MacCannell, Krippendorf argumentou que a ética era o reduto cultural de uma sociedade sustentável no tempo (Krippendorf 1982; 2010)

4. O COOPERATIVISMO NO TURISMO

O cooperativismo e as ciências sociais têm estado historicamente unidos. Um dos pioneiros intelectuais positivistas sobre o tema do coletivismo foi o Conde

Saint Simon -Claude Henri de Rouvroy- (1985) quem deduziu que a propriedade só foi legitimada através do trabalho. Sua posição era emancipar a classe trabalhadora, que ele considerava oprimida pelos nobres e clérigos. A sociedade deveria ser dirigida pelos mais aptos, a eles se referia como industriais e cientistas. Em particular, Saint Simon era cético do papel da burguesia, que já era incipiente na sociedade devido a seus interesses que estavam associados a interesses mercantis. Diante disso, a solidariedade da classe trabalhadora foi a pedra angular de um espírito coletivista. Embora denunciado por seus contemporâneos como utópico, o pensamento de Saint Simon provou ser a base das sociedades cooperativistas ou coletivos de trabalho.

Na pesquisa em turismo, o cooperativismo é oferecido como uma nova perspectiva que permite a resolução dos dilemas que a teoria do desenvolvimento tem deixado em aberto. Como mostraram Fernandez Mendez e Puig Martinez (2002), o cooperativismo é apresentado como uma possibilidade dinâmica para promover o turismo rural através da agricultura comunitária, ou como um complemento a outras atividades econômicas. O cooperativismo respeita não apenas a voz da população local, mas os coloca em pé de igualdade com seus sócios, resolvendo assim os problemas de assimetria entre a população local e os investidores estrangeiros.

Seguindo esta mesma lógica, Lorenzo e Samora (2016) confirmam que o cooperativismo e o turismo parecem ser duas atividades que se complementam para melhorar a sustentabilidade de uma comunidade. Um dos maiores obstáculos para a falta de coerência nos planos de promoção do turismo rural é a sustentabilidade definida pelo Estado. Portanto, é apropriado que a administração seja endógena. Ao planejar o desenvolvimento do turismo rural ou cultural o maior risco é sua superlotação. As cooperativas agrícolas têm sido atraídas pela promoção do produto turístico nos últimos anos. Para especialistas, os resultados são amplamente positivos. Entretanto, quais são as lutas e os desafios do cooperativismo?

Antes de mais nada, vale a pena mencionar os estudos seminais de Greg Richards sobre turismo cultural ou turismo criativo. Estes novos segmentos revitalizam os recursos a longo prazo, visando um pequeno segmento de turistas a que não apenas são convidados a viver com os anfitriões, mas também produzem um objeto simultaneamente (Richards &

Raymon, 2000). Por causa de seu apego à experiência individual, o turismo criativo impede o perigo da alienação pela reprodução massiva. A maioria destas formas sustentáveis de exploração são realizadas sob o controle de cooperativas indígenas ou comunidades tentando minimizar o impacto sobre o meio ambiente. Richards adverte que uma das limitações do turismo criativo é a dicotomia conceitual entre a massividade e a experiência única.

Enquanto o turismo criativo busca a experiência individual, a crescente demanda faz inevitavelmente com que esta forma de turismo se deságue em uma forma de turismo cultural massivo (Richards & Wilson 2006; Richards 2011). Isto é devido ao fato de que o diálogo cultural é considerado um valor positivo dentro da sociedade. Consequentemente, cada vez mais turistas estão escolhendo esta prática como própria.

O turismo criativo em parte não resolve questões estruturais que estão na base da pobreza, mas só aumentam as consequências na comunidade. Marques (2012) reconhece o potencial do turismo criativo e baseado na comunidade, mesmo quando se concentra em falta de legislação específica e definições claras para ambos como um complemento a outras atividades econômicas. O cooperativismo respeita não só a voz da população local, mas os coloca em pé de igualdade.

Outro aspecto importante no debate é (Korstanje, 2015b) o próprio conceito de turismo criativo. Em parte, a ideia de criatividade implica romper com um passado tradicional que não garante a subsistência. Ideologicamente, o turismo criativo é uma ruptura com o tradicional. Em um momento da economia global onde as condições de subsistência não são garantidas, a criatividade será considerada como um bem escasso. Se o mundo industrial for dividido em desenvolvimento e não desenvolvimento, o pós-moderno faz o mesmo em relação ao criativo versus o não-criativo. O assunto, já por si só, não tem a proteção do Estado nacional, mas deve ser co-gerente de seu destino próprio. Ser criativo não é apenas sinônimo de sucesso, mas também permite legitimar essa ausência do Estado social (Korstanje, 2015a; 2015b).

Exigir criatividade implica a adaptação a um ambiente onde as condições básicas de sobrevivência não são garantidas. Zygmunt Bauman enfatiza que a mobilidade se tornou altamente hierárquica.

Apenas um grupo pode viajar livremente ao redor do mundo, enquanto um grande número de

mão de obra precarizada é excluída nos pontos de fronteira (Bauman, 2011). Essa mobilidade seletiva é apresentada como um direito universal quando é basicamente um fenômeno do Norte Global (Korstanje, 2018).

Por outro lado, como Comaroff e Comaroff (2009) têm argumentado, em certos contextos o cooperativismo é a prova da incompatibilidade entre a racionalidade moderna ocidental e a ética, mas o que é ainda pior é que sob certas condições podem aumentar os estados de antagonismo e conflito que levam a comunidade à instabilidade social.

5. CONCLUSÃO

Da mesma forma que a teoria do desenvolvimento revitalizou o trauma da experiência colonial, bem como a possibilidade de acessar os ideais da democracia que faziam parte da Europa esclarecida, a ideia de cooperativismo cobre as diversas frustrações e fracassos ao longo de vinte anos de políticas neoliberais.

A teoria do desenvolvimento sustentável, orientada para corrigir os fracassos do desenvolvimento clássico, fracassou diante da crise ecológica e clima. Isso se deve em parte à impossibilidade de combinar o interesse que o capitalismo busca e a reprodução do capital através da exploração de recursos, com cuidado ecológico. Nesse contexto, nasce o cooperativismo como uma manifestação cultural endógena que permite valorizar certos destinos (principalmente rurais), mesmo que não se concentre nas razões por meio das quais essas áreas encontram-se em crise.

O principal obstáculo ideológico dentro deste fenômeno é a adoção do turismo na América Latina, o que não foge ao paradigma econômico. Em termos práticos, o turismo não é visto apenas como um potencializador de empregos e um agente democratizador, produtor de estabilidade, mas é introduzido como mediador – ou legitimador – da administração.

Da mesma forma que os discursos políticos apelam ao turismo como um indicador de eficiência em administração, os profissionais concebem o turismo como um fenômeno que cura todos os males econômicos. Em parte, um dos riscos centrais dessa posição é que os problemas básicos da economia capitalista moderna – longe de serem atacados pela raiz – se potencializam.

REFERÊNCIAS

- Acemoglu, D., & Robinson, J. (2012). *Why nations fail*. Crown Business, New York.
- Atkinson, G. Dietz, S & Neumayer, E (2007) "Introduction". *Handbook of Sustainable Development*. Cheltenham, Edward Elgar, 1-26.
- Bauman, Z. (2011). Migration and identities in the globalized world. *Philosophy & Social Criticism*, 37(4): 425-435.
- Bourdeau, P. (2009, May). Amenity Migration as an Indicator of Post-Tourism; a Geo-cultural approach to the alpine case. In *Amenity Migration as an Indicator of Post-Tourism; a Geo-cultural approach to the alpine case* (pp. 25-32). International Amenity Migration Centre & Banff Centre, Banff.
- Bramwell, B. (2015). Theoretical activity in sustainable tourism research. *Annals of Tourism Research*, 54(1): 204-218.
- Carbonell C. (2008). "Algunas reflexiones sobre el turismo y la pobreza en el espacio latinoamericano". *Turismo, pobreza y territorios en América Latina*. Bogotá, Universidad Externado de Colombia, 13-29.
- Carbonell C. (2008). *Turismo, pobreza y territorios en América Latina*. Bogotá, Universidad Externado de Colombia, Bogotá.
- Chant S & McIlwaine (2009) *Geographies of Development in the 21st Century: an introduction to the global South*. Edward Elgar, Cheltenham.
- Chaturvedi, S., & Doyle, T. (2015). *Climate terror: A critical geopolitics of climate change*. Palgrave Macmillan, Basingstoke.
- Cohen, E. (2005). Principales tendencias en el turismo contemporáneo. *Política y sociedad*, 42(1): 11-24.
- Comaroff, J. L., & Comaroff, J. (2009). *Ethnicity*. Inc. University of Chicago Press, Chicago.
- Crouch, D., Jackson, R., & Thompson, F. (Eds.). (2005). *The media and the tourist imagination: Converging cultures*. Routledge, Abingdon.
- Dachary, A. A. C., Rodríguez, L. A. A., & Hermoso, F. J. R. (2017). El Turismo y la Sustentabilidad Real. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos-ABET*, 7(3): 8-19.
- De Kadt, E. (1991). *Turismo:¿ pasaporte al desarrollo*. Endymion, Madrid.
- Donohue, K. G. (2003). *Freedom from want: American liberalism and the idea of the consumer*. John Hopkins University Press, Baltimore.
- Dos Santos, T. (2018). La cuestión de la teoría de la dependencia. *Espacio abierto: cuaderno venezolano de sociología*, 27(1): 201-236.
- Escobar, A. (1998). *La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo*. Editorial Norma, Madrid.
- Esteva, G. (2006). *Desarrollo*. LV KG, Die Kommende Demokratie, 325-329.
- Esteva, G., & Prakash, M. S. (1998). Beyond development, what?. *Development in Practice*, 8(3): 280-296.
- Fernández Méndez, M., & Puig Martínez, A. (2002). El papel del cooperativismo en el turismo rural de la Comunidad Valenciana. *CIRIEC-España, revista de economía pública, social y cooperativa*, (41): 183-212
- García, M. O., Amorim, E., & Korstanje, M. (2018). The power of knowledge in the struggle for sustainable tourism. *Green Events and Green Tourism: An International Guide to Good Practice*. Seraphin, H & Nolan E (eds). Routledge, Abingdon, 41-49.
- Hiernaux-Nicolas, D. (2018). Conferencia inaugural. Turismo residencial: retos identitarios e imaginarios espaciales. In *Turismo residencial. Nuevos estilos de vida: de turistas a residentes: Ponencias IV Congreso Internacional de Turismo Residencial* (pp. 17-30). Universitat d'Alacant/Universidad de Alicante.
- Korstanje M (2015a) *A Difficult World: examining the roots of capitalism*. Nova Science Publishers, New York.
- Korstanje, M. E. (2015b). Un análisis crítico del Turismo creativo. *Gran Tour*, (12): 23-41.
- Korstanje, M. E. (2016). *The rise of thana-capitalism and tourism*. Routledge, Abingdon.
- Korstanje M. (2018) *Mobilities Paradox: a critical analysis*. Edward Elgar, Cheltenham.
- Krippendorf, J. (2010). *Holiday makers*. Routledge, London.
- Krippendorf, J. (1982). Towards new tourism policies: The importance of environmental and sociocultural factors. *Tourism management*, 3(3): 135-148.
- MacCannell, D (1976) *The Tourist: a new theory of leisure class*. University of California Press, Berkeley.
- MacCannell, D (1992) *Empty meeting Grounds: the tourist papers*. Routledge, London.
- MacCannell, D. (2011). *The ethics of sightseeing*. University of California Press, Los Angeles.
- MacCannell, D. (2012). On the ethical stake in tourism research. *Tourism Geographies*, 14(1): 183-194.
- Marques L. (2012) "Boosting potential creative tourism resources: the case of Siby (Mali)". *Journal of Tourism Consumption and Practice*. 4 (1): 111-128
- Mazón, A. M., & Moraleda, L. F. (2013). Gobernanza para el desarrollo turístico sostenible en la comunidad andina: Un nuevo reto en las relaciones unión Europea-Can. *Revista Escuela de Administración de Negocios*, (59): 99-120.
- McMichael P. (2017). *Development and Social Change: a global perspective*. Sage, London.
- Medeiros, B. F. (2015). *Touring Poverty*. Routledge, Abingdon.
- Mowforth, M., & Munt, I. (2015). *Tourism and sustainability: Development, globalisation and new tourism in the third world*. Routledge, Abingdon.
- Nogues-Pedrgal, A. M. (2015). Etnografía bajo un espacio turístico: sus procesos de configuración. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural (Edita 13)*, Pasos Edita, Tenerife.
- Norton, B (2007) "Ethics and Sustainable development: an adaptive approach to environmental choice" *Handbook of Sustainable Development*. Atkinson, G,

- Dietz S & Neumayer, E (eds). Edward Elgar, Cheltenham, 45-62.
- Lane, B. (2018). Will sustainable tourism research be sustainable in the future? An opinion piece. *Tourism management perspectives*, 25 (1): 161-164.
- Lorenzo, A. M. C., & Zamora, D. T. (2016). Cooperativismo agrario y turismo rural. Hacia el desarrollo local sostenible. *Interações (Campo Grande)*, 7(11): 9-16.
- Orjuela, D. E. M. (2013). Turismo rural y gobernanza ambiental: conceptos divergentes en países desarrollados y países en vías de desarrollo. *Turismo y Sociedad*, 14: 215-235.
- Pagden A (1995) *Lords of all the World*. Yale University Press, New Haven.
- Place, S., Hall, C. M., & Lew, A. A. (1998). *Sustainable tourism: A geographical perspective* (p. 107). Longman, Harlow.
- Richards, G. (2011). "Creativity and tourism: The state of the art". *Annals of tourism research*, 38(4): 1225-1253.
- Richards, G., & Raymond, C. (2000). "Creative tourism". *ATLAS news*, 23(8): 16-20.
- Richards, G., & Wilson, J. (2006). Developing creativity in tourist experiences: A solution to the serial reproduction of culture?. *Tourism management*, 27(6): 1209-1223.
- Rist, G. (2002). El desarrollo: historia de una creencia occidental (Vol. 137). *Los libros de la Catarata*, Madrid.
- Ritchie, J. B., & Crouch, G. I. (2003). *The competitive destination: A sustainable tourism perspective*. CABI, Wallingford.
- Sachs, W. (2015). *Planet dialectics: Explorations in environment and development*. Zed Books Ltd, New York.
- Sánchez Juárez, J. P & Ramírez Valverde, B (2008) "El Turismo Rural frente la pobreza de los indígenas productores de café de México". *Turismo, pobreza y territorios en América Latina*. Carbonell, C (ed).
- Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 351-378.
- Saint-Simon C (1985), *Catecismo político de los industriales*. *Hispamérica*, Madrid.
- Sharpley, R. (2018). "Responsible volunteer tourism: tautology or oxymoron? A comment on Burrai and Hannam". *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events*, 10(1): 96-100.
- Sharpley, R., & Telfer, D. J. (Eds.). (2014). *Tourism and development: concepts and issues* (Vol. 63). *Channel View Publications*, Bristol.
- Schlüter, R. G. (2015). Turismo Rural em Argentina. Antecedentes e Desafios Atuais. *Desafio Online*, 3(3): 99-115.
- Skoll, G. R., & Korstanje, M. (2014). Urban heritage, gentrification, and tourism in Riverwest and El Abasto. *Journal of Heritage Tourism*, 9(4): 349-359.
- Schweitzer, M (2008). "La Identidad de Victoria en proceso de transformación: turismo y nuevos emprendimientos a partir de la construcción del enlace Rosario-Victoria, Argentina". *Turismo, pobreza y territorios en América Latina*. Carbonell, C (ed). Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 151-176.
- Tzanelli, R. (2006). Reel western fantasies: Portrait of a tourist imagination in *The Beach* (2000). *Mobilities*, 1(1): 121-142.
- Tzanelli, R. (2016). *Thanatourism and Cinematic Representations of Risk: Screening the End of Tourism*. Routledge, Abingdon.
- Vázquez Soriano, A (2008). "Ausencias y Presencias: turismo, patrimonio cultural y exclusión social en el centro histórico de Santiago de Queretaro, México". *Turismo, pobreza y territorios en América Latina*. Carbonell, C (ed). Universidad Externado de Colombia, Bogotá, 99-124.
- Wood, R. E. (2018). *Tourism, culture and the sociology of development*. In *Tourism in South-East Asia*. Routledge, Abingdon, 66-88.

Processo Editorial / Editorial Process / Proceso Editorial

Editor Chefe / Editor-in-chief / Editor Jefe: PhD Thiago D. Pimentel (UFJF).

Recebido / Received / Recibido: 11.06.2020; Revisado / Revised / Revisado: 07.12.2020; Aprobado / Approved / Aprobado: 17.12.2020; Publicado / Published / Publicado (online): 26.12.2020.

Tradução do original do autor / Translation of author's original paper / Texto traducido de la versión original del autor.